

---

# A REDESCOBERTA DE UM CLÁSSICO DA ESCRITA DE VIAGENS: OS *COMENTARIOS* DE DON GARCÍA DE SILVA Y FIGUEROA

Rui Manuel Loureiro

(Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes, Portimão;  
CHAM – Centro de Humanidades, Universidade Nova de Lisboa)

## **RESUMO**

*Durante a União Ibérica (1580-1640), as relações entre o Estado Português da Índia e a Pérsia conheceram desenvolvimentos importantes. Os monarcas espanhóis tentaram cooptar os safávidas para uma aliança estratégica contra o Império otomano, despachando sucessivas embaixadas para a corte persa. A embaixada de D. Garcia de Silva y Figueroa à Pérsia, que decorreu entre 1614 e 1624, insere-se neste contexto mais vasto. Os resultados da embaixada não foram brilhantes, e o embaixador, sem obter quaisquer resultados significativos, viria a falecer em 1624, na viagem de regresso a Portugal. Silva y Figueroa, contudo, foi um diarista verdadeiramente compulsivo, e ao longo da sua missão de vários anos, para além de redigir um alargado conjunto de missivas diplomáticas, escreveu uma longuíssima relação de viagem, os *Comentarios*. Muito recentemente, este verdadeiro clássico da escrita de viagens, há muito esquecido, foi finalmente redescoberto, e objecto de duas importantes edições.*

## **PALAVRAS-CHAVE**

*Escrita de viagens; União Ibérica; Diplomacia; Pérsia; D. García de Silva y Figueroa; Comentarios.*

## **ABSTRACT**

*During the Iberian Union (1580-1640), the relations between the Portuguese Estado da Índia and Persia were intensified. The Spanish Crown tried to enrol the Safavids in an alliance against the Ottoman Empire, sending sundry embassies to Persia. The embassy of D. Garcia de Silva y Figueroa to Persia between 1614 and 1624 is part of this larger context. The results of the embassy weren't brilliant, and the ambassador, without achieving any of his aims, died in 1624 on his way back to Europe. Silva y Figueroa, however, was a compulsive writer, and during his long mission, besides writing several diplomatic letters, he prepared some long *Comentarios* of his travels. Very recently, this veritable classic of travel writing, long forgotten, was finally rediscovered, and the object of two importante editions.*

## **KEY-WORDS**

*Travel writing; Iberian Union; Diplomacy; Persia; D. García de Silva y Figueroa; Commentaries.*

O complicado enredo que levou um nobre espanhol sexagenário a embarcar em Lisboa, em Abril de 1614, numa das naus portuguesas que anualmente largavam do estuário do Tejo com rumo à Índia, teve início na Pérsia, muito anos antes, quando um jovem chamado ‘Abbas assumiu as rédeas do poder em 1587, na sequência do assassinato do seu irmão mais velho. A ascensão de ‘Abbas I marcou um momento de viragem na geopolítica safávida.<sup>1</sup> Não existia então na Pérsia um estado central sólido, uma vez que o poder do xá dependia da estreita colaboração militar que este conseguia obter junto dos *qizilbas*. Estas aguerridas facções tribais de origem turcomana – que as fontes portuguesas da época designam como

---

<sup>1</sup> Sobre a ascensão e a carreira de ‘Abbas I, ver Blow 2009.

‘gazeisbaixos’ ou ‘casselbaxos’ – tinham até então suportado o poder safávida. Mas os conflitos e as conspirações eram demasiado frequentes entre elas, para garantirem um poder central estável. Ao mesmo tempo, enquanto as províncias ocidentais persas estavam sob constante ataque dos otomanos, grandes porções do Khorasan, a leste, eram controladas pelos uzbeques.

‘Abbas I revelou qualidades de liderança à altura da complexa situação que a Pérsia então vivia. Logo depois de subir ao trono, o jovem xá começou por estabelecer um exército próprio, independente dos *qizilbas*, conseguindo paulatinamente liquidar as oposições internas e hegemonizar as sucessivas províncias iranianas, ao mesmo tempo que reorganizava e centralizava a administração. Uma vez solidificada a sua posição política, o soberano persa, através de uma hábil conjugação de campanhas militares e de iniciativas diplomáticas, enfrentou os seus oponentes externos, infligindo sucessivas derrotas aos uzbeques e aos otomanos, e conseguindo consolidar, e mesmo alargar, as fronteiras do seu império. Os antigos cronistas portugueses referem-se amiúde ao Xá ‘Abbas I. António Bocarro, na sua *Década 13 da História da Ásia*, concluída em Goa por volta de 1635, apresenta-o como um «grande homem de guerra, assi no espírito como de invenções e traças para poder conseguir o que pretendia, fosse por quaesquer meios que pudesse»;<sup>2</sup> e Frei Félix de Jesus, um agostinho que estanciou demoradamente no Oriente na mesma época, descreve-o como sendo «de pequena estatura, de alegre rosto, robusto nas forssas, fácil na comversação [...], no comer sobejo, no beber demasiado».<sup>3</sup>

Eventualmente, o poder safávida começou a estender-se para as margens do Golfo Árabe-Pérsico, que até então tinham permanecido relativamente autónomas. Os portugueses, desde os primeiros anos do século XVI, haviam conseguido manter um apertado controlo sobre a ilha de Ormuz e sobre diversas das suas dependências. A partir da base ormuzina, as armadas lusitanas asseguraram uma relativa hegemonia sobre a navegação que cruzava o Mar de Omã e se adentrava no Golfo Árabe-Pérsico. Com a conquista de Barém em 1602, ‘Abbas decidira finalmente fazer face ao tradicional poderio lusitano nas regiões marítimas do seu império. Nas duas décadas seguintes, com efeito, o soberano persa desencadeou um lento, mas progressivo, assalto às posições portuguesas, que tinham o seu epicentro na ilha de Djarun, outro dos nomes de Ormuz. Esse processo viria eventualmente a desembocar na conquista da fortaleza ormuzina por uma coligação anglo-persa em 1622.<sup>4</sup> A ascensão de Xá ‘Abbas, entretanto, coincidira com a chegada ao Oceano Índico de potências europeias rivais dos portugueses, e nomeadamente os ingleses, que desde cedo procuraram estabelecer relações amistosas com a Pérsia.<sup>5</sup>

A fortaleza de Ormuz era uma das mais rentáveis do *Estado da Índia*, graças aos direitos cobrados na sua alfândega sobre o intensíssimo tráfico mercantil que cruzava o Estreito homónimo, estabelecendo ligações entre Baçorá, o Bandel de Comorão, Mascate, e muitos outros portos da costa oriental de África e do litoral ocidental da Índia.<sup>6</sup> A *pérula do anel*, como metaforicamente era designada a estéril ilha de Ormuz, era um lugar estratégico de primeiríssima importância na densa teia de fortalezas, feitorias e rotas marítimas que configurava o *Estado da Índia* lusitano. Por isso mesmo, os monarcas espanhóis, que desde 1581 haviam assumido igualmente a Coroa de Portugal, ao longo de várias décadas tentaram

---

<sup>2</sup> Bocarro 1876: 34.

<sup>3</sup> Hartmann 1968: 89.

<sup>4</sup> Sobre a presença portuguesa em Ormuz, ver Floor 2006; Couto & Loureiro 2007; Couto & Loureiro 2008; e Mathee & Flores 2011.

<sup>5</sup> Ver o estudo clássico de Steensgaard 1974; e também, mais recentemente, Borges 2009: 309-359.

<sup>6</sup> Para uma visão geral do movimento mercantil nesta época, ver Barendse 2002.

de forma continuada estabelecer um diálogo diplomático com ‘Abbas I, através de uma regular troca de emissários e de embaixadores. Tratava-se de manter a todo o custo uma posição portuguesa sólida na área do Golfo Arábico-Pérsico.<sup>7</sup> Várias missões diplomáticas foram entregues a religiosos portugueses, e nomeadamente ao agostinho Frei António de Gouveia, mas sem grandes resultados práticos, pois as tenazes safávidas iam-se paulatinamente apertando sobre Ormuz. Xá ‘Abbas, que gostava de discutir questões políticas na sua tenda de campanha ou nalgum dos seus palácios, comendo, bebendo e assistindo a espectáculos de dança e música, solicitou a determinada altura, das autoridades ibéricas, o envio de um embaixador português civil, de estatuto social elevado.

Na sequência de longos debates entre Madrid e Lisboa, don García de Silva y Figueroa seria finalmente escolhido para encabeçar uma nova missão à Pérsia em 1612. Não é muito o que sobre ele se consegue apurar. Terá nascido em 1548, nas proximidades de Zafra, numa família da pequena nobreza. Desempenhou mais tarde diversos cargos administrativos em várias regiões espanholas, nomeadamente em Jaén e em Badajoz.<sup>8</sup> António Bocarro, que provavelmente se cruzou com ele em Goa, refere que don García de Silva era homem de «bom juízo e subtil entendimento, visto e lido e muito versado na língua latina e italiana».<sup>9</sup> Não se lhe conhecendo estudos universitários formais, deverá deduzir-se que era um aplicado autodidacta, pois granjeou reputação de especialista em temas de geografia e cosmografia. Alguns familiares seus relativamente bem conhecidos desempenharam cargos no Oriente ibérico, como don Juan de Silva, que foi governador das Filipinas, e don Jerónimo de Silva, que foi capitão da fortaleza de Ternate, nas ilhas de Maluco.<sup>10</sup> De resto, quase nada se consegue apurar sobre don García, até ao momento em que as autoridades de Madrid, em 1612, o nomeiam para o cargo de embaixador à Pérsia.

A missão diplomática de don García de Silva y Figueroa estender-se-ia por cerca de uma década, desde a largada de Lisboa, numa das naus da armada da *carreira da Índia*, em Abril de 1614, até ao falecimento do embaixador, durante a viagem marítima de regresso à Europa, algures nas proximidades dos Açores, em Julho de 1624. No decurso desta década, o diplomata espanhol começou por realizar a longa viagem marítima até Goa, entre Abril e Novembro de 1614. Embarcado a bordo da nau capitânia *Nossa Senhora da Luz*, don García revelou-se desde a primeira hora um sistemático e interessado observador de todos os assuntos de natureza marítima, discutindo amiúde questões técnicas de navegação com o piloto-mor, que não era outro senão o célebre Gaspar Ferreira Reimão.<sup>11</sup> De seguida, efectuou uma prolongada e, a partir de certa altura, forçada estada na capital do *Estado da Índia*, entre finais de 1614 e os primeiros meses de 1617, onde aproveitou para se documentar sobre múltiplos aspectos da realidade humana e natural daquele território indiano.<sup>12</sup> As autoridades goesas, aparentemente, não encaravam de bom grado a chegada de um embaixador espanhol com destino à Pérsia, já que missões orientais de semelhante teor eram tradicionalmente desempenhadas por portugueses. A chegada de don García a Goa foi decerto encarada como uma insuportável ingerência da Coroa espanhola nos assuntos de âmbito especificamente lusitano no contexto da União Ibérica. Apenas em Março de 1617 conseguiria o embaixador

<sup>7</sup> Sobre este conturbado período, ver Gil 2006-2009, Rubiés 2011, Loureiro 2014, e Rubiés 2016.

<sup>8</sup> A respeito da biografia do embaixador, ver Gil 1989, Alonso 1993, Gil 2011a; mais recentemente, Moreno González & Martínez Shaw 2016, e Martínez Shaw 2018.

<sup>9</sup> Bocarro 1876: 370.

<sup>10</sup> Ver Borschberg 2004.

<sup>11</sup> Ver Silva y Figueroa 2011: 7-92. Para uma análise detalhada da viagem de Silva y Figueroa entre Lisboa e Goa, ver Pereira 2011.

<sup>12</sup> Ver Silva y Figueroa 2011: 99-155; ver também as cartas escritas por don García desde Goa, Gil 1989: 187-245. Sobre a estada do embaixador em território goês, ver análises de Marias 2002 e Xavier 2011.

passagem para Ormuz a bordo de «una naveta de un mercader de Baçain».<sup>13</sup> Após uma curta escala no porto de Mascate,<sup>14</sup> onde pôde observar detalhadamente as construções defensivas daquele porto então controlado pelos portugueses, don García chegou à ilha de Djarun – onde então era capitão dom Luís da Gama – nos últimos dias de Abril de 1617. O embaixador espanhol seria obrigado a permanecer na fortaleza lusitana até meados de Outubro do mesmo ano, aguardando oportunidade de passar à terra firme iraniana. Escassos anos antes, em 1614, em mais uma manobra de aproximação a Ormuz, as forças safávidas tinham ocupado e desmantelado o pequeno forte de Comorão, que os portugueses possuíam no litoral fronteiro a Ormuz.<sup>15</sup>

Uma vez reunidos os importantes meios humanos, animais e materiais de que a sua comitiva de cerca de uma centena de pessoas necessitaria, don García de Silva y Figueroa iniciou uma demorada jornada pelos caminhos da Pérsia, rumando ao encontro de ‘Abbas I, a fim de dar cumprimento à sua incumbência diplomática.<sup>16</sup> Missão de todo impossível, de resto, porque as instruções emitidas por el-rei Felipe III de Espanha (e II de Portugal) especificavam que o embaixador deveria solicitar do monarca safávida a devolução de todos os territórios do reino de Ormuz que haviam sido ocupados pelos persas desde os primeiros anos do século XVII, e nomeadamente o importante centro perlífero de Barém. E, como qualquer observador do mundo safávida minimamente informado deduziria de imediato, o desiderato ibérico não tinha qualquer hipótese de concretização, perante a deliberada estratégia de centralização política e de consolidação territorial posta em prática por ‘Abbas I. A primeira etapa da viagem conduziu o embaixador à cidade de Lara, onde deu entrada em finais de Outubro de 1617. Prosseguindo caminho, atingiria Xiraz cerca de um mês mais tarde, a 24 de Novembro. Aqui se deteve don García durante quase cinco meses, até Abril de 1618, escolhendo passar nesta cidade persa o período mais frio do ano. Em 5 de Abril iniciava-se a marcha rumo a Ispaão, localidade que seria atingida no final do mesmo mês. Pelo caminho, o embaixador efectuou um curto desvio, para visitar os «Soberuios, y antiquíssimos edificios de Chilminara», ou seja, as célebres ruínas da antiga Persépolis.<sup>17</sup> Praticamente todo o mês de Maio de 1618 foi passado em Ispaão, uma das cidades iranianas onde o monarca persa desenvolvera e continuava a desenvolver importantes obras de requalificação urbana.<sup>18</sup> Enfim, o último troço da viagem levaria don García até Qazvin, onde chegou em meados de Junho de 1618, onde foi enfim recebido por ‘Abbas I, o poderoso xá da Pérsia, e onde permaneceria pouco mais de um mês. A comitiva do embaixador iniciaria a viagem de regresso em finais de Julho de 1618, refazendo praticamente o mesmo caminho até Ormuz. A 13 de Agosto já don García se encontrava de novo em Ispaão, onde permaneceu durante um ano, primeiro aguardando a chegada de ‘Abbas I àquela metrópole, depois esperando autorização das autoridades safávidas para partir rumo ao sul. Obtida permissão de partida, o caminho até Ormuz foi percorrido em sentido inverso em pouco menos de dois meses, pois a 18 de Outubro de 1619 o embaixador e a sua comitiva abandonavam definitivamente a terra firme da Pérsia, embarcando para a ilha de Djarun.

A missão de don García saldara-se num total fracasso, pois nenhum acordo foi alcançado relativamente aos assuntos em disputa, e nomeadamente a devolução das possessões do

---

<sup>13</sup> Ver Silva y Figueroa 2011: 159-196 (citação: 163).

<sup>14</sup> Relativamente à passagem do embaixador por Mascate, ver Couto 2011; sobre a presença portuguesa nesta região, ver Floor 2006.

<sup>15</sup> Sobre Comorão, ver Faridany 2011: 119-141.

<sup>16</sup> Ver Silva y Figueroa 2011: 199-581.

<sup>17</sup> Silva y Figueroa 2011: 270-286. Sobre a descoberta de Persépolis pelos europeus, ver Mousavi 2012.

<sup>18</sup> A respeito da Ispaão, ver Babaie 2018.

reino de Ormuz ocupadas pelos safávidas. O embaixador espanhol, nos seus encontros com ‘Abbas I, limitou-se a enunciar as reivindicações definidas por Felipe III nas instruções da embaixada, não encontrando, de resto, qualquer receptividade da parte do seu interlocutor. Aparentemente, a sua postura de altivo aristocrata espanhol não parece ter sido apreciada na corte safávida, então em processo de ruptura com os *farangis* portugueses. Nada mais lhe restava senão rumar à Europa. Assim, e após alguns meses de estada em Ormuz,<sup>19</sup> Don García embarcava rumo a Goa em Abril de 1620, para uma rápida viagem marítima de cerca de três semanas, já que antes do final do mesmo mês o navio em que viajava ancorava «junto a la fortaleza del Aguada».<sup>20</sup> Seguir-se-ia um novo e prolongado período de residência em território goês, entrecortado por uma primeira e abortada tentativa de viagem rumo à Europa em finais de 1620 e princípios do ano seguinte.<sup>21</sup> A derradeira jornada do embaixador iniciou-se em princípios de Fevereiro de 1624, a bordo de uma das naus da *carreira da Índia* que nesse ano largou de Goa, e viria a terminar de forma trágica já durante a travessia do Atlântico, com a morte de don García vitimado pelo «mal de Loanda», a cerca de cem léguas «de las Islas de Flores y Cueruo».<sup>22</sup> Facto por demais simbólico, durante a sua permanência em Goa, o embaixador Silva y Figueroa tinha assistido à chegada de notícias oriundas do Golfo Arábico-Pérsico reportando a conquista de Ormuz por uma força conjunta de persas e ingleses.

Don García era um homem cultíssimo, como o comprovam os seus escritos, fluente em latim e bom conhecedor da literatura clássica. Como um viajante moderno, preparou minuciosamente a sua viagem à Pérsia, através da consulta de numerosíssimos trabalhos de história e de geografia, de que teria registado extractos em diversos cadernos manuscritos. E decerto viajava acompanhado de uma recheada biblioteca.<sup>23</sup> Era também um diarista compulsivo, que ao longo do seu longo périplo oriental, para além de dezenas de cartas,<sup>24</sup> redigiu um volumoso diário de viagem. Os *Commentarios de Don Garçia de Silua que contienen su viaje a la India y de ella a Persia* – nome por que ficou conhecido o seu manuscrito de cerca de um milhar de páginas – descrevem demoradamente a sua jornada desde Lisboa até à Pérsia, assim como a inacabada viagem de regresso à Europa. Homem cultivado e amigo das letras, dotado de uma insaciável curiosidade e de um espírito inquiridor, e também observador cuidadoso e metódico, don García de Silva y Figueroa produziu uma obra merecedora de atenção a diversos títulos.<sup>25</sup> Através da leitura dos *Comentarios*, é possível deduzir que o embaixador era compelido à escrita por diversas razões, e nomeadamente para se entreter durante a longa viagem, ocupando as longuíssimas horas de ócio que uma jornada de Lisboa à Pérsia implicava; para registar tudo o que lhe parecia novidade, como homem ilustrado, interessado na história natural e moral das regiões que ia cruzando; para confrontar as realidades asiáticas com as suas leituras de materiais histórico-geográficos; e também como forma de justificar as suas andanças, apresentando uma espécie de detalhado relatório de missão.

O título dos *Comentarios* relembra a obra homónima de Júlio César, de que certamente don García possuía uma edição impressa, pois os *Commentarii de bello Gallico* ficaram disponíveis em sucessivas edições impressas em prelos europeus a partir dos primeiros anos

<sup>19</sup> Ver Silva y Figueroa 2011: 582-596.

<sup>20</sup> Ver Silva y Figueroa 2011: 596-604 (citação: 604).

<sup>21</sup> Ver Silva y Figueroa 2011: 604-701.

<sup>22</sup> Silva y Figueroa 2011: 701.

<sup>23</sup> Para uma reconstituição hipotética desta biblioteca, ver Loureiro 2014.

<sup>24</sup> Ver Gil 1989: 179-248.

<sup>25</sup> Ver breve levantamento de problemas em Loureiro 2010.

do século XVI, sendo uma leitura muito popular na Península Ibérica. Mas não é impossível que o embaixador se tivesse inspirado também nos *Comentarios de Afonso de Albuquerque* da autoria de Afonso Brás de Albuquerque, primeiro impressos em Lisboa em 1557, com uma segunda e alargada edição em 1576 na mesma cidade, obra que, de resto, conhecia bem.<sup>26</sup> Tal como a do conhecido estadista romano, também a obra de Silva y Figueroa é maioritariamente escrita na terceira pessoa. Mas o único manuscrito completo que hoje se conhece é certamente autógrafo. Trata-se de um longuíssimo relato de viagens, que se inicia em Lisboa, em princípios de Abril de 1614 e que termina algures no Atlântico, dez anos mais tarde, depois de um demorado itinerário, real e textual, através de dois oceanos e de diversas regiões orientais.

Os *Comentarios* têm uma história editorial relativamente invulgar. O manuscrito autógrafo, datado de 1624, encontra-se actualmente na Biblioteca Nacional de España, em Madrid (Ms. 18217), onde aliás se conserva também uma cópia manuscrita mais tardia, mas bastante incompleta (Ms. 17629). O manuscrito original tem por título «Comentarios de don García de Silva que contienen su viaje a la India y de ella a Persia, cosas notables que vió en él y los sucesos de la embajada al Sophi», e está hoje disponível em versão digitalizada.<sup>27</sup> Aparenta ter sido preparado para edição, já que apresenta numerosas correcções e adições marginais, mas o processo editorial teria sido interrompido pela morte do autor. Existe uma segunda cópia manuscrita, também mais tardia e igualmente incompleta, na British Library, em Londres (Sloane 2846). Desconhece-se o caminho seguido pelo manuscrito original, desde a chegada a Lisboa em 1624 da nau *São Tomé* em que don García viajara de regresso à Europa. Com a morte do embaixador, os seus bens foram decerto dispersos por vários quadrantes, de acordo com as suas disposições testamentárias,<sup>28</sup> sendo uma parte considerável do espólio enviada para a Cofradía de la Caridad, em Zafra.<sup>29</sup> Alguns manuscritos do embaixador foram entregues a dom Vicente de Nogueira, um nobre português seu antigo conhecido, bibliófilo de renome, que em 1628 faria publicar em Lisboa uma história da Península Ibérica preparada por don García durante o seu périplo ultramarino, o *Hispanicae Historiae Breviarium* (que está datado de Goa, Julho de 1615).<sup>30</sup> Os papéis oficiais da embaixada – e provavelmente o volumoso manuscrito dos *Comentarios* – terão sido encaminhados para Madrid, à atenção de Felipe III, onde depois se lhes perde o rasto até meados do século XIX, quando o erudito Pascual de Gayangos adquire num armazenista de papel o original do diário de viagem do embaixador e o oferece à Biblioteca Nacional espanhola.

Poucos anos mais tarde, em 1629, quando Antonio de León Pinelo publica em Madrid o seu *Epitome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Nautica i Geografica*, não faz qualquer referência aos *Comentarios* de Silva y Figueroa, sinal de que a obra era desconhecida nos meios cultos espanhóis. Apenas menciona, na secção de autores «de cuyos escritos ay duda», um tal «Garcí Sanchez de Figueroa, nombrado por Escritor de Indias, sin outra mencion».<sup>31</sup> O erudito bibliófilo nem sequer faz menção a uma carta de don García que fora impressa em 1620 em Antuérpia, a instâncias de don Alonso de la Cueva, primeiro marquês de

---

<sup>26</sup> Cf. Silva y Figueroa 2011: 36, 90, 102, 105, 121, etc.

<sup>27</sup> Biblioteca Digital Hispánica, <http://bdh.bne.es/bne/search/detalle/bdh0000135558> [acesso em 19-09-2020].

<sup>28</sup> Para o testamento do embaixador, ver L. Gil 1989: 175-176. Ver também o manuscrito “Herança do embaixador D. Garcia da Silva y Figueroa”, Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa), Avulsos, Índia, caixa 13, número 195.

<sup>29</sup> Cf. Moreno González & Martínez Shaw 2016: 57.

<sup>30</sup> Sobre a edição desta obra de Silva y Figueroa, ver Gil 2011. Este breviário da história hispânica está disponível em <http://purl.pt/14485> [acesso em 19-09-2020]. A respeito de dom Vicente Nogueira, ver Albuquerque 2005, e também Serafim & Carvalho 2011

<sup>31</sup> León Pinelo 1629: 134-135.

Bedmar, a *De rebus Persarum epistola*,<sup>32</sup> uma espécie de brevíssima súpula do conteúdo dos *Comentarios* do embaixador, com apenas 12 páginas.<sup>33</sup> Mas de alguma forma terão circulado cópias do manuscrito do diário de viagem de don García, pois em 1667 Abraham de Wicquefort, conhecido especialista em questões diplomáticas, publicou em Paris uma tradução parcial da obra, intitulando-a *L'ambassade de D. Garcias de Silva y Figueroa en Perse*.<sup>34</sup> Esta versão, contudo, não incluía diversas secções da obra do embaixador espanhol, e nomeadamente as páginas dedicadas à viagem marítima para a Índia e à estada do embaixador em Goa. Wicquefort, obviamente, interessou-se sobretudo pela componente diplomática da obra, desprezando assuntos indirectamente ligados com a missão atribuída ao embaixador espanhol; ou, alternativamente, não teve acesso à descrição da viagem pela rota do Cabo, que, pela minúcia das informações nela contidas, seria considerada de natureza sigilosa em Espanha.<sup>35</sup>

Os *Comentarios* de don García seriam de novo localizados nas primeiras décadas do século XVIII. Com efeito, a segunda edição muito alargada do catálogo de Antonio de León Pinelo, publicada em Madrid, em 1737-1738, com o idêntico título de *Epitome de la Bibliotheca Oriental, y Occidental, Nautica, y Geografica*, sob a responsabilidade editorial de Andrés González de Barcia, fazia já referência a um manuscrito em «Castellano», que se encontrava «en la Libreria del Conde de Villa Umbrosa», composto por don García de Silva y Figueroa, e que tratava de forma muito demorada de «su Embajada à Persia», incluindo uma extensa descrição desta potência asiática.<sup>36</sup> Mas apesar desta notícia concreta, apenas uma limitada parte da obra de don Garcia,<sup>37</sup> referente à «Vida del Gran Tamorlan», conheceu alguma divulgação antes dos tempos modernos, pois foi publicada em Sevilha em 1782, como apêndice a uma edição do relato medieval *Historia del Gran Tamorlan* de Ruy González de Clavijo, editada sob a responsabilidade de Eugénio Llaguno na passagem dos 200 anos da primeira edição.<sup>38</sup>

A primeira versão integral dos *Comentarios* apenas veio à luz em Madrid, em 1903-1905, numa edição diplomática razoavelmente fiel, realizada a partir do manuscrito madrileno completo pelo conhecido polígrafo e editor de textos antigos Manuel Serrano y Sanz.<sup>39</sup> A obra em dois tomos, que foi publicada com o título *Comentarios de D. Garcia de Silva y Figueroa de la embajada que de parte del rey de España don Filipe III hizo al rey Xa Abas de Pérsia*, para além de uma breve introdução, não continha quaisquer anotações (com excepção de indicações sobre características do manuscrito). Tratava-se de uma edição reservada, publicada pela Sociedad de Bibliófilos Españoles, que conheceu escassíssima circulação.<sup>40</sup> Apesar de ter permitido um melhor acesso a uma fonte de primeiríssima importância para a história das relações ibero-safávidas nos alvares do século XVII, e também a um detalhadíssimo relato de uma longa viagem desde Lisboa até aos confins da Pérsia, escrito por um observador particularmente dotado, a edição de Serrano y Sanz teve

<sup>32</sup> A obra está disponível em versão digital em [books.google.pt](http://books.google.pt) [acesso em 19-09-2020].

<sup>33</sup> Ver tradução e análise desta epístola em Gil 2011b.

<sup>34</sup> Cf. Biblioteca Digital Hispánica, <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000216695&page=1> [acesso em 19-09-2020].

<sup>35</sup> A respeito do tradutor dos *Comentarios*, ver Keens-Soper 1996.

<sup>36</sup> León Pinelo 1982: I, 274. Sobre González de Barcia, ver Carlyon 2005.

<sup>37</sup> Silva y Figueroa 2011: 394-417. Sobre esta secção, ver Loureiro 2016.

<sup>38</sup> Llaguno 1782: 221-248.

<sup>39</sup> Silva y Figueroa 1903-1905; disponível em <https://archive.org/> [acesso em 19-09-2020]. Sobre Serrano y Sanz, ver Esteban 1999: 59-63.

<sup>40</sup> Em Portugal, apenas se consegue localizar um exemplar desta edição na Biblioteca Municipal de Belém (cf. Loureiro 2014: 94).

uma divulgação muito restrita, sobretudo em Portugal, onde foi praticamente ignorada, com uma que outra excepção.<sup>41</sup>

Uma breve síntese do conteúdo dos *Comentarios* revelará a respectiva importância. O Livro I, com cerca de 80 fólhos, relata de forma extremamente minuciosa as peripécias da longa viagem marítima entre Lisboa e Goa. Trata-se provavelmente da mais rigorosa e detalhada relação de uma viagem da carreira da Índia. O Livro II apresenta, ao longo de 65 fólhos, uma detalhada descrição de Goa e dos seus habitantes, com base numa demorada residência naquele território, onde don García ficou retido, aguardando a colaboração das autoridades portuguesas para o prosseguimento da sua missão diplomática. O Livro III, em cerca de 30 fólhos, debruça-se sobre os portos de Mascate e de Ormuz, na época baluartes da presença portuguesa no Golfo Árábico-Pérsico. Os Livros IV, V e VI, em pouco mais de 300 fólhos, para além de relatarem as peripécias da embaixada à corte de Xá ‘Abbas I, seguem detalhadamente as peregrinações de Silva y Figueroa por territórios iranianos, registando ainda valiosas informações históricas e geográficas sobre outras regiões da Ásia Central. O Livro VII, enfim, com cerca de 40 fólhos, descreve a viagem parcial de volta a Portugal. Em suma, os *Comentarios* de don García de Silva y Figueroa configuram uma fonte de excepcional importância, e de extraordinária extensão, para a história do *Estado da Índia* no período da União Ibérica, e sobretudo para a história das relações que Portugal e Espanha, a partir de Goa, mantiveram com a Pérsia safávida.

Apenas em anos mais recentes, a partir de finais do século XX, alguma historiografia espanhola começou a chamar a atenção para a carreira e para os escritos de Silva y Figueroa. Por um lado, Luis Gil publicou em 1989 o *Epistolário Diplomático* do embaixador, revelando uma ampla colecção de documento inéditos, acompanhados de desenvolvida introdução e anotações.<sup>42</sup> Pode dizer-se sem margem para dúvidas que o eminente classicista foi o grande responsável pelo lançamento dos estudos modernos sobre don García, que viria a complementar com uma densa monografia, em dois volumes, dedicada às relações ibéricas com o mundo safávida, no tempo da chamada União Ibérica, a qual dedica amplo espaço à embaixada de 1614-1624.<sup>43</sup> Por outro lado, o historiador agostinho Carlos Alonso, no âmbito dos seus estudos sobre os contactos missionários com a Pérsia, publicava em 1993 um extenso e detalhado estudo sobre a embaixada à Pérsia de don García de Silva y Figueroa.<sup>44</sup> Mais recentemente, dois projectos distintos, e lançados autonomamente um do outro, vieram contribuir de forma sólida, para a redescoberta desse verdadeiro clássico da escrita de viagens que são os *Comentarios* de don García de Silva y Figueroa.

Em 2006, um grupo de investigadores ligados ao CHAM (o então designado Centro de História de Além-Mar, da Universidade Nova de Lisboa<sup>45</sup>), apresentou à Fundação para a Ciência e a Tecnologia – o organismo português responsável pelo financiamento da investigação científica – um projecto intitulado “Relações de Portugal com a Pérsia durante a União Ibérica: Os *Comentarios* de D. Garcia de Silva y Figueiroa”, que tinha como objectivo primordial a edição crítica do relato do embaixador espanhol, incluindo transcrição do manuscrito madrileno, anotações e estudos contextualizantes.<sup>46</sup> O projecto foi aprovado para financiamento no ano seguinte, e em inícios de 2008 a equipa avançou com o respectivo desenvolvimento, que viria a

---

<sup>41</sup> Entre as raras excepções, ver Pombo 1957.

<sup>42</sup> Gil 1989.

<sup>43</sup> Gil 2006-2009: I, 241-358.

<sup>44</sup> Alonso 1993.

<sup>45</sup> O actual Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa.

<sup>46</sup> Projecto PTDC/HAH/69734/2006. A equipa original, liderada por Rui Manuel Loureiro, incluía Zoltán Biedermann, Vasco Resende e Maria João Ferreira, todos investigadores do CHAM, e José Manuel Garcia, do Gabinete de Estudos Olisiponenses. A equipa foi depois sendo reconfigurada, contando também com a colaboração de outros investigadores, ao longo dos cinco anos de duração do projecto.

culminar, em 2011, com a publicação pelo CHAM dos quatro volumes da nova e monumental edição crítica dos *Comentarios* de don García de Silva y Figueroa:

- Volumes 1-2: Don García de Silva y Figueroa, *Comentarios de la Embaxada al Rey Xa Abbas de Persia (1614-1624)*, ed. Rui Manuel Loureiro, Ana Cristina Costa Gomes & Vasco Resende (701 pp.). Estes dois volumes contêm a transcrição do texto do Ms. 18217 da Biblioteca Nacional de España, que foi sistematicamente confrontado com o Ms. 17629 da mesma biblioteca, com o manuscrito Sloane 2846 da British Library e com a tradução francesa de Abraham de Wicquefort.<sup>47</sup>

- Volume 3: *Anotações e Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e os «Comentarios» da embaixada à Pérsia (1614-1624)*, ed. Rui Manuel Loureiro, Zoltán Biedermann & Eva Nieto McAvoy (175 pp.). Este terceiro volume integra os índices / anotações aos *Comentarios*, bem como cinco estudos de especialistas internacionais sobre o relato de don García, os quais foram apresentados num dos workshops organizados pelo projecto.

- Volume 4: *Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e os «Comentarios» da embaixada à Pérsia (1614-1624)*, ed. Rui Manuel Loureiro & Vasco Resende (496 pp.). O quarto volume apresenta mais dezasseis estudos sobre don García e os seus *Comentarios*, da autoria de um conjunto de especialistas internacionais, maioritariamente apresentados durante um dos workshops organizados pelo projecto.

Enquanto este projecto se desenvolvia a partir de Lisboa, dois investigadores norte-americanos trabalhavam na tradução do autógrafo dos *Comentarios* de Silva y Figueroa para a língua inglesa, e na respectiva edição e anotação. A primeira tradução integral da obra do embaixador espanhol em inglês seria publicada pela prestigiada editora Brill, em Leiden / Boston, em 2017, num volume de mais de 900 páginas, intitulado *The Commentaries of D. García de Silva y Figueroa on his Embassy to Shah 'Abbās I of Persia on Behalf of Philip III, King of Spain*, em tradução de Jeffrey S. Turley e com longa introdução e prolixas anotações do mesmo Turley e de George Bryan Souza.<sup>48</sup>

Depois de permanecer durante séculos na sombra dos arquivos, a relação da embaixada de don García de Silva y Figueroa à Pérsia está finalmente disponível em duas edições rigorosas e complementares, tanto na versão original castelhana, como em tradução inglesa. Mas, entretanto, duas novas publicações vieram ainda enriquecer o *dossier Silva y Figueroa*. Por um lado, a Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, organizou uma exposição bibliográfica sobre «A biblioteca do Embaixador», com o correspondente catálogo, tentando reconstituir, com obras dos séculos XVI e XVII, o espólio livresco que don García teria compulsado para redigir os seus extensos *Comentarios*.<sup>49</sup> Por outro lado, dois investigadores espanhóis localizaram em arquivos regionais de Zafra uma alargado conjunto de documentação, que inclui um desconhecido *Libro diario de gastos*, respeitante às despesas quotidianas do embaixador nos anos de 1619 e 1620. Embora incompleto, este último documento, que foi já publicado em modelar edição crítica,<sup>50</sup> contribui sobremaneira para esclarecer aspectos menos conhecidos do dia-a-dia da embaixada de Silva y Figueroa. Assim, no espaço de meia dúzia de anos, entre 2011 e 2017, coincidindo com a passagem do quarto centenário da impossível missão diplomática que don García conduziu à Pérsia, os seus *Comentarios* estão enfim á disposição do público académico, permitindo um renovado usufruto deste verdadeiro clássico da escrita de viagens europeia, que merece ser lido, analisado e comentado.

<sup>47</sup> Cf. Silva y Figueroa 2011.

<sup>48</sup> Cf. Silva y Figueroa 2017.

<sup>49</sup> Ver Loureiro 2014.

<sup>50</sup> Moreno González & Martínez Shaw 2016.

## Bibliografia

- Albuquerque, M., 2005, “*Biblos*” e “*Polis*”: *Bibliografia e Ciência Política em D. Vicente Nogueira (Lisboa, 1586 – Roma, 1654)*, Lisboa.
- Alonso, C., 1993, *La embajada a Persia de D. García de Silva y Figueroa (1612-1624)*, Badajoz.
- Babaie, S., 2018, *Isfahan and Its Palaces: Statecraft, Shi’ism and the Architecture of Conviviality in Early Modern Iran*, Edinburgh.
- Barendse, R. J., 2002, *The Arabian Seas: The Indian Ocean World of the Seventeenth Century*, Armonk / London.
- Blow, D., 2009, *Shah Abbas, The Ruthless King Who Became an Iranian Legend*, London / Nova Iorque.
- Bocarro, A., 1876, *Década 13 da História da Índia*, ed. R. J. de Lima Felner, 2 vols., Lisboa.
- Borschberg, P., 2004, “Security, VOC Penetration and Luso-Spanish Co-operation: The Armada of Philippine Governor Juan de Silva in the Straits of Singapore, 1616”, in P. Borschberg (ed.), *Iberians in the Singapore-Melaka Area (16th to 18th Century)*, Wiesbaden / Lisboa, pp. 35-62.
- Borges, G. A., 2009, “Um Estreito Globalizado: A luta por Ormuz (1622) e a globalização das Relações Internacionais no Período Moderno”, *Anais de História de Além-Mar*, 10, pp. 309-359.
- Carlyon, J. E., 2005, *Andrés González De Barcia and the Creation of the Colonial Spanish American Library*, Toronto.
- Couto, D., 2011, “New insights into the History of Oman in the Sixteenth Century: a Contribution to the Study of the Evolution of the Muscat Fortifications”, in R. M. Loureiro, Z. Bidermann & E. N. McAvoy (eds.), *Anotações e Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e os “Comentarios” da embaixada à Pérsia (1614-1624)*, Lisboa, pp. 129-154.
- Couto, D. & Loureiro, R. M., 2007, *Ormuz, 1507-1622: Conquista e Perda*, Lisboa.
- Couto, D. & Loureiro, R. M. (eds.), 2008, *Revisiting Hormuz: Portuguese Interactions in the Persian Gulf Region in the Early Modern Period*, Wiesbaden.
- Esteban, J., 1999, “El erudito alcarreño don Manuel Serrano y Sanz (1866-1932)”, *Añil*, 18, pp. 59-63.
- Faridany, E. K., 2011, “Signal Defeat: The Portuguese Loss of Comorão in 1614 and its Political and Commercial Consequences”, in R. Mathee & J. Flores (eds.), *Portugal, the Persian Gulf and Safavid Persia*, Lovaina, pp. 119-141.
- Floor, W., 2006, *The Persian Gulf: A Political and Economic History of Five Port Cities, 1500-1730*, Washington DC.
- Gil, J., 2011, “D. García de Silva y D. Vicente Nogueira”, in R. M. Loureiro & V. Resende (eds.), *Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e os “Comentarios” da embaixada à Pérsia (1614-1624)*, Lisboa, pp. 411-450.
- Gil, L. (ed.), 1989, *García de Silva y Figueroa. Epistolário Diplomático*, Cáceres.
- Gil, L., 2006-2009, *El Imperio Luso-Español y la Persia Safávida*, 2 vols., Madrid.
- Gil, L., 2011a, “Biografia de don García de Silva y Figueroa”, in R. M. Loureiro & V. Resende (eds.), *Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e os «Comentarios» da embaixada à Pérsia (1614-1624)*, Lisboa, pp. 3-59.

Gil, L., 2011b, “La *Epistola de rebus Persarum* de don García de Silva y Figueroa”, in R. M. Loureiro & V. Resende (eds.), *Estudios sobre Don García de Silva y Figueroa e os «Comentarios» da embaixada à Pérsia (1614-1624)*, Lisboa, pp. 61-83.

Hartmann, A. (1968), *The Augustinians in Golden Goa: A Manuscript by Félix of Jesus, O.S.A.*, Rome.

Keens-Soper, M., 1996, *Abraham de Wicquefort and Diplomatic Theory*, Leicester.

León Pinelo, A., 1629, *Epitome de la Biblioteca Oriental i Occidental, Nautica i Geografica*, Madrid.

León Pinelo, A. & González de Barcia, A., 1982, *Epitome de la Bibliotheca Oriental, y Occidental, Nautica, y Geografica*, ed. Horacio Capel, 2 vols., Barcelona.

Llaguno, E. (ed.), 1782, *Historia del Gran Tamorlan, e Itinerario y Enarracion del Viaje, y Relacion de la Embajada que Ruy Gonzalez de Clavijo le hizo*, Madrid.

Loureiro, R. M., 2010, “The Indian Journeys of a Spanish Ambassador: Don García de Silva y Figueroa and his *Comentarios* (1614-1624)”, *Res Antiquitatis – Journal of Ancient History*, 2, pp. 51-69.

Loureiro, R. M. & Resende, V. (eds.), 2011, *Estudios sobre Don García de Silva y Figueroa e os «Comentarios» da embaixada à Pérsia (1614-1624)*, Lisboa.

Loureiro, R. M., Biedermann, Z. & McAvoy, E. (eds.), 2011, *Anotações e Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e os «Comentarios» da embaixada à Pérsia (1614-1624)*, Lisboa.

Loureiro, R. M., 2014, *A biblioteca do Embaixador: Os livros de D. García de Silva y Figueroa*, Lisboa.

Loureiro, R. M., 2016, “The History of Tamerlane in Don García de Silva y Figueroa’s *Comentarios* (1624)”, in E. García Hernán, J. Cutillas Ferrer & R. Matthee (eds.), *The Spanish Monarchy and Safavid Persia in the Early Modern Period: Politics, War and Religion*, Valencia, pp. 177-198.

Mariás, F., 2002, “Don García de Silva y Figueroa y la percepción del Oriente: la ‘Descripción de Goa’”, *Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte*, 14, pp. 137-149.

Martínez Shaw, C., 2018, “Cuatrocientos años de la embajada de don García de Silva y Figueroa”, *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 48, n. 2, pp. 153-180.

Matthee, R. & Flores, J. (eds.), 2011, *Portugal, the Persian Gulf and Safavid Persia*, Lovaina.

Moreno González, J. M. & Martínez Shaw, C., 2016, *Un Extremeño en la Persia del siglo XVII: Nuevos Testimonios de la Embajada de Don García de Silva y Figueroa (1614-1624)*, Badajoz.

Mousavi, A., 2012, *Persepolis: Discovery and Afterlife of a World Wonder*, Boston / Berlin.

Pereira, J. M. M., 2011, “Aspectos náuticos das viagens por mar de D. García de Silva y Figueroa entre 1614 e 1624”, in R. M. Loureiro & V. Resende (eds.), *Estudios sobre Don García de Silva y Figueroa e os “Comentarios” da embaixada à Pérsia (1614-1624)*, Lisboa, pp. 183-206.

Pombo, M. R., 1957, *União Ibérica: Oriente (1613-1626) - Subsídios Históricos*, Lisboa.

Rubiés, J.-P., 2011, “A Dysfunctional Empire? The European Context to Don García de Silva y Figueroa’s Embassy to Shah Abbas”, in R. M. Loureiro & V. Resende (eds.), *Estudios sobre Don García de Silva y Figueroa e os “Comentarios” da embaixada à Pérsia (1614-1624)*, Lisboa, pp. 85-133.

Rubiés, J.-P. (2016), “Political Rationality and Cultural Distance in the European Embassies to Shah Abbas”, *Journal of Early Modern History*, 20, pp. 351-389.

Serafim, J. C. Gonçalves & Carvalho, J. A. de Freitas, eds. (2011), *Um Diálogo Epistolar: D. Vicente Nogueira e o Marquês de Niza (1615-1654)*, Porto.

Silva y Figueroa, García de (1903-1905), *Comentarios de D. García de Silva y Figueroa de la embajada que de parte del rey de España don Filipe III hizo al rey Xa Abas de Pérsia*, ed. Manuel Serrano y Sanz, 2 vols., Madrid.

Silva y Figueroa, García de (2011), *Comentarios de la Embaxada al Rey Xa Abbas de Persia (1614-1624)*, R. M. Loureiro, A. C. Costa Gomes & V. Resende (eds.), 2 vols., Lisboa.

Silva y Figueroa, García de (2017), *The Commentaries of D. García de Silva y Figueroa on his Embassy to Shah ‘Abbās I of Persia on Behalf of Philip III, King of Spain*, Jeffrey S. Turley & George Bryan Souza (trad. / ed.), Leiden / Boston.

Steensgaard, N. (1974), *The Asian Trade Revolution of the Seventeenth Century*, Chicago / London.

Xavier, Â. B. (2011), “Entre a curiosidade e a melancolia. Deambulações pela Goa de Don García”, in R. M. Loureiro & V. Resende (eds.), *Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e os “Comentarios” da embaixada à Pérsia (1614-1624)*, Lisboa, pp. 207-244.